

ÁLVARO
ALVES DE
FARIA

mulheres de
são petersburgo

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

DIAGRAMAÇÃO: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A474m ALVES DE FARIA, Álvaro

Mulheres de São Petersburgo / Álvaro Alves de Faria – Penalux:
Guaratinguetá, 2019.

104 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-604-8

1. Poesia I. Título.

CDD B869.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

CAMPONESA

Essa camponesa que planta trigo
no meu peito
talvez não saiba
que ao leve toque de seus dedos
faz respirar a alma
que vive escondida dentro de mim.

Abre essa camponesa
uma fenda na minha pele
e joga as sementes das folhas,
mas talvez não saiba
que ao raspar com as unhas
o meu espanto,
faz renascer em mim
os dias antigos
que deixaram de existir.

Talvez não saiba essa camponesa
que ao mexer em mim
com sua boca e sua língua
faz reviver
o que eu tinha por perdido para sempre.

Talvez não saiba
que a vida que em mim jaz
vive à sua maneira,
a espreitar-me esquiva,
essa morte em mim,
cada vez mais viva.

TRÊS TIROS

Essa mulher que me abre
sua intimidade,
em quem entro com a fúria
de um homem em desespero,

essa mulher

vai matar-me amanhã
com três tiros no coração.

Peço que não seja presa
porque agirá em legítima defesa:
será ela ou eu,
essa mulher que me abre a vida.

Entro nela como se numa casa
e abro suas portas janelas armários
aflições afetos álbuns cartas fotografias
segredos gozos salivas lábios alma.

Essa mulher
que vai matar-me amanhã
não tem culpa de nada
e nada sentirá ao apertar
o dedo três vezes no gatilho,
no lado esquerdo do meu peito.

Peço apenas que depois amarrem
uma pedra nos meus pés descalços
e me atirem no mar.

CONVENTO DA RAINHA SANTA

Daqui do convento
da Rainha Santa Isabel
vejo Coimbra a esparramar-se lá em baixo.
É como se estivesse em minha casa
ao atravessar a ponte de Santa Clara.

Estou em minha casa,
com os passos na ponte de Santa Clara,
vendo Coimbra a esparramar-se lá em baixo,
daqui do convento
da Rainha Santa Isabel.

Vim aqui para rezar um terço que não tenho,
mas rezo o terço que não tenho
exatamente por não ter terço nenhum.

Freiras povoam minha cabeça,
a igreja me comove com suas sombras
nos olhos dos santos e dos anjos
que me habitam sem que eu saiba.

Mas estou sozinho comigo,
somos dois, eu e outra pessoa
que vive dentro de mim
e que tem meu nome e meu rosto,
tem também meus dedos
e um destino incerto.

Olho a Rainha Santa
e digo algumas palavras a mim mesmo
que não consigo compreender.

Coimbra, setembro, 2013

SORAIA

Depois de dormir comigo
pela terceira vez,
fazendo juras de amor
com a saliva escorrendo da boca,
Soraia
resolveu ser freira
e vive hoje reclusa num convento
sem saber o que fazer da vida.

SANTA JOANA

Tento minha salvação
diante de Santa Joana de Portugal
e rezo para ela palavras que aprendi
com os pastores de rebanhos.

Explico a Santa Joana de Portugal
as razões inúteis que me fazem viver
com a convicção de um sacerdote
que pensa matar-se ao amanhecer.

Minha prece é de palavras
que não se usam mais,
aquelas esquecidas para sempre.

Santa Joana Princesa
olha-me sem compreender
e não sabe o que dizer.

Santa Joana de Portugal:
perdoai-me.

ANNA

Não lembro mais dos dias passados,
quando eu dizia poemas para as mulheres
e dormia com elas meu desespero.

Abrigavam-me como a um pássaro doente
e voavam comigo em volta da cama
com o gozo a escorrer no meio de suas pernas.

Nesse tempo
eu tinha a asa esquerda ferida,
o que me tolhia o voo
e me fazia voltar à janela.

Não lembro mais dos dias passados,
nem adivinho o que está por vir:

Anna
era uma mulher do século 17
que conheci em um parque
na Espanha medieval,
colhendo flores numa planície
para o senhor seu pai,
o rei.

Anna
dormiu comigo noites sem fim
e morremos juntos muitas vezes
tomando veneno com gosto de anis.

Depois Anna se foi,
acho que era manhã,
não me lembro mais.

RAQUEL

Das 34 vezes que dormiu comigo,
Raquel arrendia-se de seu amor
e batia com as mãos nos espelhos
maldizendo seu destino
por ter-me encontrado na vida.

E maldizendo-se dizia sempre
que ia atirar-se debaixo de um ônibus
para por fim a tudo.

Dormiu comigo 34 vezes:
em 27 queixou-se de dores na alma
e dizia que sentia remorso
mas não sabia do quê.

Raquel falava-me de coisas
que eu não compreendia
porque seu mundo não era o meu
nem o meu era o dela.

Falava-me em matar-se
sempre nas madrugadas,
sem que eu acreditasse
nessa áspera palavra
de anunciar a morte aos poucos.

A aspereza das sílabas
eu guardava num vaso de esquecimentos.

Dormiu comigo 34 vezes
como se fosse uma freira desesperada.

Este livro foi composto em Sabon Next LT
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em dezembro de 2019.
